

REFLEXÕES SOBRE NOVAS METODOLOGIAS DE ENSINO DE LITERATURA: OFICINA DE ÁREA DO PIBID

LUANA BOTTCHER SBEGHEN¹; JOABE DA ROSA CUNHA²; EDUARDO MARKS DE MARQUES³

¹Universidade Federal de Pelotas – luanasbeghen@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – joabedarosa@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato acerca da aplicação das oficinas de Literatura nas turmas de ensino médio da EEEM Santa Rita – Pelotas, realizada por dois bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ao longo do ano de 2015. Pretende-se expor a experiência como graduandos de licenciatura e quais os resultados e conclusões foram adquiridos desde o momento das discussões em grupo com o orientador e os outros bolsistas, até a realização da oficina nas turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio da escola já referida.

As discussões em grupo embasaram-se na necessidade proeminente de mudanças na forma de se discutir e ensinar literatura na sala de aula. Tendo em mente que o modelo tradicional de ensino partindo de uma linha historiográfica com a leitura tão somente das obras clássicas já não é mais efetivo, buscou-se discutir uma nova metodologia que se adequasse à nova geração de estudantes, já que se é levado em conta o mesmo pressuposto a qual Cândido (1995) faz da literatura com os direitos humanos: “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”. Para o crítico literário brasileiro, a fabulação é necessidade humana, pois “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (p. 242).

Partindo desse início, debateu-se então que era necessário adentrar no universo da literatura juvenil contemporânea, a qual se forma principalmente por literatura de mercado, para que pudéssemos fazer uma ponte comparativa entre essas obras e as clássicas exigidas nos planos curriculares do ensino médio. Como metodologia se pensou no empoderamento pessoal dos estudantes, partindo do pressuposto que os mesmos teriam o poder de escolha acerca do exemplar que iriam querer trabalhar, deixando por conta dos bolsistas o trabalho de leitura, análise, discussão e comparação das obras. A participação prática dos alunos com o objeto de estudo se daria a partir de um trabalho (final) de escrita criativa, onde reescreveriam algum capítulo do livro ou o final do mesmo. Essa abertura da escolha para os alunos possibilita sua emancipação, com aumento da autonomia e da liberdade acerca da maneira com que irão interagir com o conhecimento.

2. METODOLOGIA

Utilizou-se aulas expositivas e dialogadas, com leitura de textos e trechos literários como base para os debates e discussões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista os pontos apresentados anteriormente, a aplicação da oficina ocorreu em três momentos: primeiro, deixar que os alunos escolhessem o livro. Após um tempo em que tiveram para ler, aplicou-se a oficina começando com uma explanação acerca dos aspectos literários do livro, e a seguir, a proposta de escrita (a qual ficou sob critério de cada grupo analisar e escolher a que melhor satisfizesse os resultados esperados), e, por fim – já na terceira etapa –, a socialização dos textos e avaliação dos alunos acerca do trabalho realizado.

Os bolsistas foram até a escola e, por meio de votação, decidiu-se que o livro dos primeiros anos seria *A Cabana* de William P. Young; no segundo ano os livros *Sniper Americano* de Chris Kyle com Jim DeFelice e Scott McEwen e *A menina que roubava livros* de Markus Zusak (sendo nesta turma escolhido dois livros pois um grupo se recusava a ler um deles), e, finalmente, no terceiro ano, a obra *Os livros que devoraram meu pai* de Afonso Cruz.

Para o presente trabalho, afim de concisão, apenas os resultados da turma de terceiro ano serão vistos especificamente, enquanto o das outras turmas serão tomados de forma geral.

Acerca das aplicações, divididas em 3 etapas conforme dito anteriormente, na escola Santa Rita iniciou-se pelo terceiro ano, no dia 28/10/15 pela parte da manhã. Nesta aplicação, o objetivo era de conversar sobre os aspectos literários do livro, como o tipo de narrador, qual era a particularidade que mais chamava atenção no enredo, e o que eles mais gostaram – ou não – durante a leitura. Entretanto, apenas uma aluna havia lido o livro, não sendo possível trabalhar o planejado, e, portanto, apenas conversou-se sobre o começo do livro, sobre o que se tratava e se eles conseguiriam identificar todos os intertextos presente (tema central no qual gira a história).

Já na segunda aplicação, dos dezessete alunos presentes, agora quatro haviam lido o livro. Como já havia sido dado mais de um mês para a leitura, decidiu-se seguir com a oficina, pedindo para que aqueles que tinham lido, contassem a história para os outros, sendo auxiliados pelos ministrantes. Partindo disso, explicou-se a proposta de escrita e do total de alunos, apenas sete entregaram as *fan-fictions* (narrativa ficcional que parte da apropriação de personagens e enredos já existentes, criando assim, uma história paralela à original).

Na terceira aplicação se fez a socialização dos textos, lendo-os de forma anônima. Os alunos demonstraram maior interação, gostando das versões do livro que os colegas escreveram. No final, fez-se um breve comentário sobre os erros que apareceram mais frequentemente e se entregou uma ficha de avaliação, na qual foi pensado um questionário com 4 perguntas dissertativas.

A partir desse questionário, coletamos dados que comprovam que menos da metade dos alunos leram o livro, mas que o acharam interessante. Aqueles que não o leram, responderam que criaram o interesse após a oficina, e enfim, ao contrário do que se demonstrou na prática, a maior parte respondeu que gostariam mais das aulas se pudessem escolher os livros a serem trabalhados.

Nas turmas de primeiro e segundo anos, os dados e as aplicações não diferiram tanto, observando-se a mesma demora ou a não leitura dos livros e a pouca participação nas discussões e realizações das escritas.

4. CONCLUSÕES

A partir do que se pretendia e dos resultados obtidos, analisou-se algo que, inicialmente, com a discussão com o orientador e os outros bolsistas, não era esperado: mesmo com o poder de escolha dado aos estudantes acerca do objeto de estudo, os mesmos não tiveram uma participação efetiva no desenvolvimento do trabalho. Tendo em vista isso, chegamos à conclusão de que mesmo a inovação do ensino tradicional já não é suficiente: o estudante da geração contemporânea deseja algo que seja aplicado ou advenha diretamente da realidade fora dos muros da escola.

Isso significa que já não bastam aulas expositivas, discussões do texto dentro do texto ou simplesmente comparações entre textos, a hipótese agora é de que, como educadores, teremos que buscar metodologias que levem ou busquem a literatura fora da sala de aula. Que tenha interação prática, cotidiana, empoderadora. Que, como diz Cosson (2006, p. 17) a experiência literária não apenas nos permita saber da vida pela experiência do outro como também vivenciar essa experiência. Conforme o autor, “é por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas”. Para que a literatura cumpra esse papel, é preciso mudar os rumos de sua escolarização, de maneira a promover o letramento literário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FORMIGA, Girlene Marques. INÁCIO, Francilda Araújo. **Literatura no Ensino Médio: reflexões e proposta metodológica**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.22, 2013. Acessado em 10 de agosto de 2016. Online. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415579690.pdf>.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.